

Vítor Oliveira

HISTÓRIA DA FORMA URBANA

Aulas de Morfologia Urbana

História da forma urbana

1. A cidade Grega
2. A cidade Romana
3. A cidade Medieval
4. A cidade do Renascimento
5. A cidade Barroca
6. A cidade do século XIX
7. As cidades do século XX

1. A cidade Grega

No século V ac, a cidade de Mileto, entretanto devastada pela guerra, é reconstruída segundo uma grelha regular desenhada por Hippodamus (para 10 000 habitantes), fornecendo o modelo para a reconstrução das cidades Gregas.

Um exemplo de utilização deste modelo em territórios de difícil aplicação (relevo acidentado, que obriga à construção de terraços e plataformas) é Priene.

A grelha estrutura-se em quarteirões alongados compostos pelas casas (áreas privadas) sendo interrompida por edifícios sagrados e por edifícios públicos. As parcelas que compõem cada um dos quarteirões têm uma grande diversidade de dimensões. As habitações têm normalmente um piso e organizam-se em torno de um pátio.

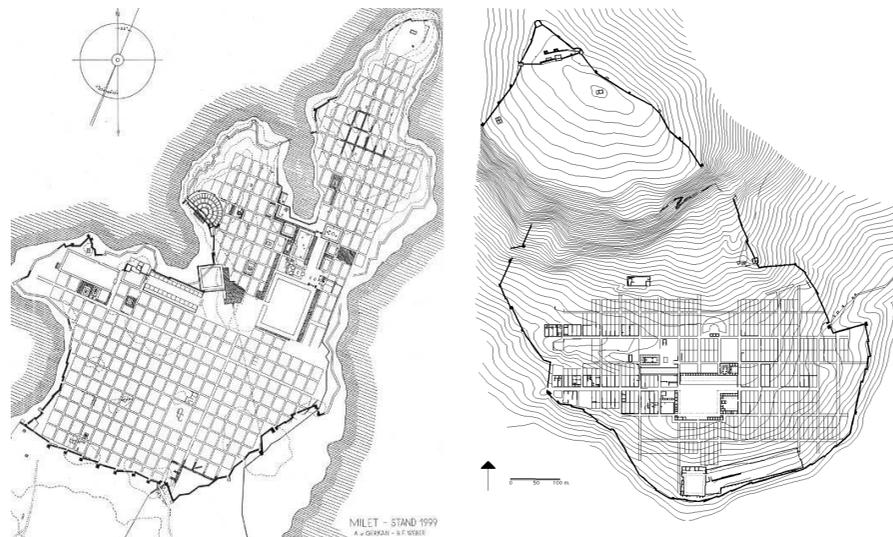


Figura 1. Mileto e Priene (na atual Turquia).

A muralha da cidade tem uma forma extremamente irregular.

O espaço urbano divide-se em três tipos: áreas privadas, áreas sagradas e áreas públicas.

O tecido habitacional das cidades Gregas, de grande uniformidade, é ordenado tanto por traçados regulares - como em Mileto - como por traçados irregulares - como é o caso de Pergamon. Em Pergamon, ao contrário do que era usual, a rua adquire um valor decorativo, sendo desenhadas colunadas e pórticos.

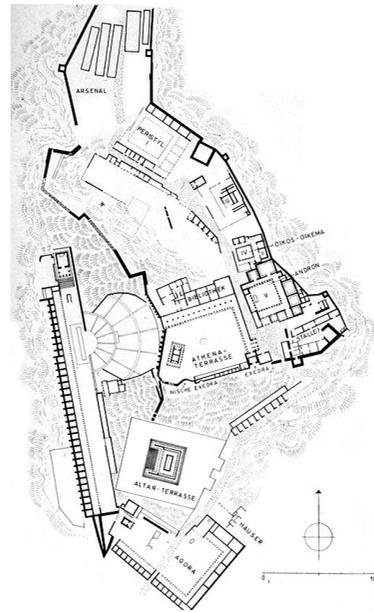


Figura 2. Pergamon (na atual Turquia).

2. A cidade Romana

Orientação da cidade segundo dois eixos principais, o *decumanus* (nascente-poente) e o *cardus* (norte-sul).

Nas colónias: uso repetido da quadricula (questão fundiária, facilidade de construção).

Ao contrário da cidade Grega, os grandes edifícios e espaços públicos integram-se na quadricula.

Em Roma: introdução de regulamentação urbanística.

‘A Roma Imperial quase resulta num caos de grandes e monumentais edifícios ocupando o território e comprimindo-se mutuamente’. (Lamas, 1993)

Características: Escala monumental; habitação em altura (as *insulae* com até 6 pisos); as ‘obras de arte’ infraestruturais (pontes, aquedutos, canais); o *Circus Maximus*, com 400 000 lugares.

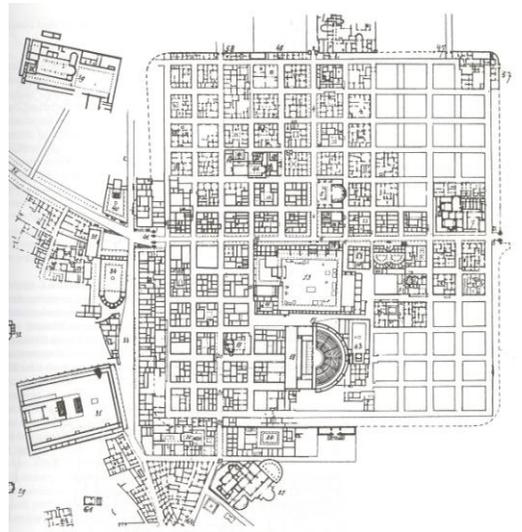


Figura 3. Timgad (na atual Argélia).

3. A cidade Medieval

O traçado ortogonal Romano dá lugar ao traçado radio-concêntrico da Idade Média. Também a escala monumental Romana é abandonada.

A formação da cidade Medieval corresponde a um de dois processos: i) desenvolvimento das antigas estruturas Romanas; ii) fundação de cidades novas (como as *bastides* francesas) organizadas segundo um novo desenho.

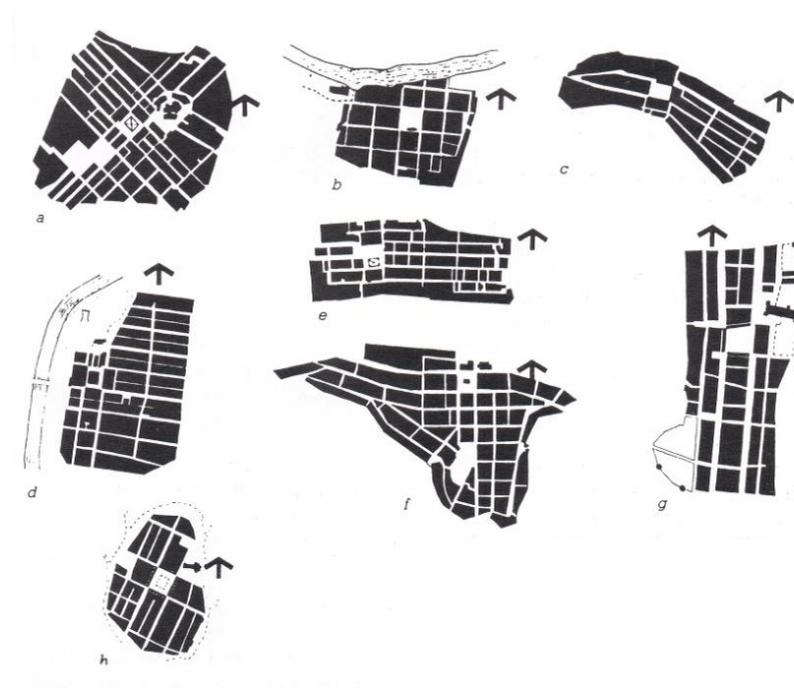


Figura 4. Oito *bastides* francesas (à mesma escala e orientação): a) Ville Real; b) Lalinde; c) Castigliones; d) Eymet; e) Ville Franche du Perigord; f) Domme, g) Beaumont e h) Monlanquin (fonte: Lamas, 1993).

A importância da função comercial em complementaridade com a religião (o adro da igreja) e o poder político: a ‘praça-mercado’, com uma forma irregular, e o seu prolongamento pelas ruas comerciais – o piso térreo dos edifícios, ocupado por lojas, assume uma nova importância.

Ao contrário do que acontece nos bairros Gregos e Romanos, no bairro medieval os edifícios localizam-se na periferia da parcela, libertando o espaço interior para logradouro.

A forma dos bairros medievais é determinada pela forma (mais ou menos regular) das ruas.

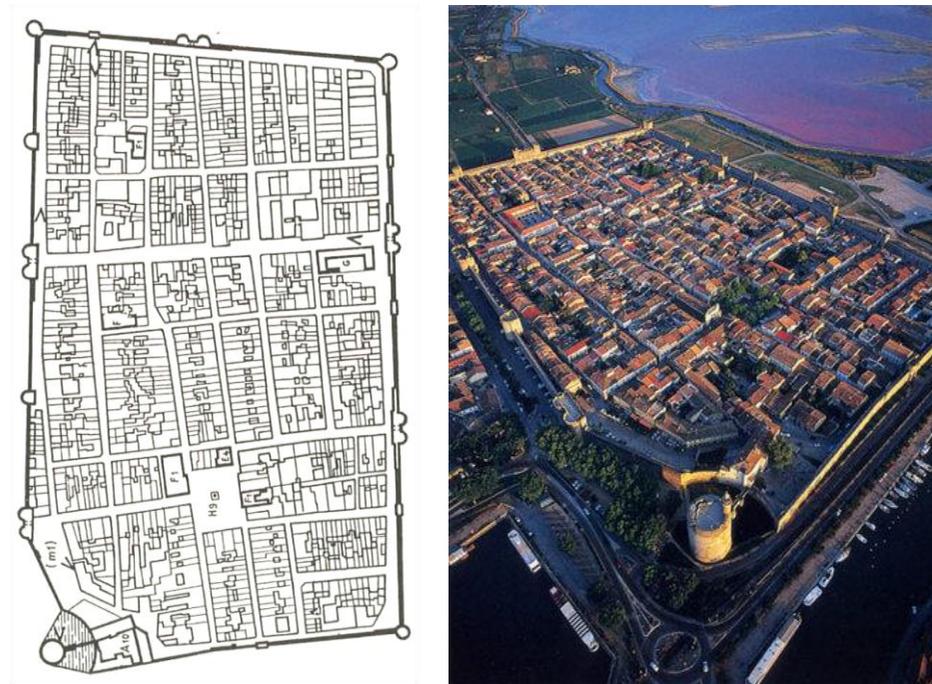


Figura 5. Aigues Mortes, em França.

4. A cidade do Renascimento

Desejo de ordem e disciplina geométrica.

A concepção da ‘cidade ideal’ e a valorização da forma radio-concêntrica.

Numa primeira fase não há criação de cidades novas (como *Palma Nuova*) mas sim a transformação das cidades existentes, através de: i) construção de sistemas de fortificações (mais ‘pesados’ do que as muralhas medievais); ii) abertura de praças (como a *Piazza della Annunziata*, em Florença) e regularização de ruas; iii) construção de novas áreas urbanas utilizando quadriculas regulares.



Figura 6. *Piazza della Annunziata*, em Florença (fonte da foto aérea: *Google Earth*).

A rua Renascentista corresponde a um percurso retilíneo, deixando de ser apenas um percurso funcional (como era na Idade Média) sendo agora pensada como um eixo perspético unindo diferentes elementos urbanos (os edifícios singulares).

A praça surge, em complementaridade com estes grandes eixos, como um dos elementos fundamentais da estrutura urbana. Por fim, surge a quadrícula, organizada entre eixos principais, como um terceiro elemento estruturador.

O desenho da fachada dos edifícios (que se repete com ordem e disciplina) adquire grande importância – busca pela simetria, proporção e ritmo. Muitas vezes a fachada (que cumpre uma regra de conjunto urbano) autonomiza-se relativamente ao interior do edifício.



Figura 7. Palma Nuova, Itália (fonte: *Google Earth*).

5. A cidade Barroca

Uma cidade sensorial e exuberante.

A rua Barroca é um cenário, um corredor (delimitado por fachadas de edifícios) para as grandes manifestações urbanas.

Do mesmo modo que no Renascimento, o quarteirão da cidade Barroca adquire grande importância. Identificam-se dois grandes tipos, com formas e dimensões diversas: i) o quarteirão irregular resultante da abertura dos grandes eixos; ii) o quarteirão regular gerador de espaço urbano por repetição.

O monumento como gerador do espaço urbano.



Figura 8. *Piazza S. Pietro, Vaticano (fonte: Google Earth).*

6. A cidade do século XIX

É um século marcado pela industrialização e pelo crescimento demográfico.

Em termos de forma urbana, o século XIX assenta (apesar de algumas inovações como os equipamentos públicos, as avenidas e os jardins) nos mesmo elementos utilizados em séculos anteriores.

As diferenças fundamentais são ao nível da dimensão, da escala e da forma geral da cidade. A cidade deixa de ser uma entidade física delimitada por uma muralha para alastrar pelo território envolvente. É o início dos subúrbios e da organização do espaço através dos loteamentos.

A muralha é entretanto demolida dando lugar, em muitas cidades, a espaços públicos de circulação e permanência, como o *ring* de Viena.

Os problemas da cidade industrial dão origem a um conjunto de utopias sociais.



Figura 9. O *ring* de Viena – planta da cidade e edifícios.

7. As cidades do século XX

7.1. *A cidade jardim*

As vantagens da cidade e do campo numa proposta construída como alternativa à cidade tradicional. A preocupação com o limite máximo de população.

7.2. *As expansões urbanas em cidades do centro da Europa*

O compromisso entre os elementos de forma urbana tradicional e os elementos propostos pela cidade modernista.

7.3. *A cidade modernista*

O fascínio pelos edifícios isolados e pelo zonamento funcional.

A desvalorização da rua e da praça (como espaços do cidadão), do quarteirão e da parcela (por vezes eliminada, como em Brasília).

7.4. *A cidade pós-moderna*

O (aparente) regresso aos elementos de forma urbana anteriores ao século XX.

Uma desvalorização da regulação da função em favor da regulação da forma.



Figura 10. Letchworth, Amesterdão, Brasília e Seaside.

Referências bibliográficas

Lamas, J. R. G. (1993) *Morfologia urbana e desenho da cidade* (Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa).